

David de Silva, Apócrifos, Palestra 2, Um olhar mais atento: Primeiro Esdras, Ben Sira, 1 e 2 Macabeus

© 2024 David DeSilva e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David DeSilva em seu ensinamento sobre os Apócrifos. Esta é a sessão 2, Um olhar mais atento: Primeiro Esdras, Ben Sira, Primeiro e Segundo Macabeus.

Nesta e nas palestras seguintes, trabalharemos juntos em todos os livros apócrifos.

Nesta série, seguirei uma ordem não convencional, em vez da ordem típica de uma edição impressa. Primeiro nos concentraremos nos textos que se originam ou tomam a terra de Israel como sua localização principal em algum sentido. E então, passaremos para os textos que estão mais focados na vida dos judeus fora de Israel.

Nesta apresentação começaremos com Primeiro Esdras. Primeiro, Esdras nos apresenta uma versão alternativa dos eventos sobre os quais leríamos em nossa Primeira Crônicas canônica, 35 a 38, em nosso livro canônico de Esdras e no material de Neemias 8. Parece que algum autor retirou o material de essas versões mais antigas e mais conhecidas e as uniu recontando a história. Na versão que temos em Primeiro Esdras, começamos no 18º ano do reinado do rei Josias.

Passamos daí através da conquista babilônica, avançando rapidamente para o decreto de Ciro para permitir que os exilados de Judá retornassem à terra. E então passamos para o decreto de Dario para reconstruir, para cumprir sua intenção de reconstruir o templo. Então, finalmente, concentre-se nas reformas de Esdras, na leitura da Torá, no estabelecimento de tribunais baseados na legislação da Torá e, o que é mais comovente, na purificação do povo através do divórcio e do repúdio às esposas e aos filhos não-judeus. de tais sindicatos.

Agora, existem algumas diferenças importantes entre o Primeiro Esdras e a história canônica conforme elas se desenrolam nos textos que mencionei anteriormente. Mais notavelmente, há uma sequência confusa de eventos em Primeiro Esdras. O autor claramente precisava de um editor porque isso salta da página para o leitor.

Damos vários passos para trás e avançamos novamente sobre o mesmo terreno em um ou dois pontos. E isso parece estar relacionado ao desejo do autor de elevar o personagem Zorobabel. O que há de mais distintivo em Primeiro Esdras em relação à nossa versão canônica da história é a adição da competição dos três guarda-costas.

Esta é uma espécie de história da corte, uma história da corte ambientada na diáspora que não tem paralelo nas nossas escrituras canônicas. Nesta história, Dario,

o rei, está sendo vigiado enquanto dorme por seus guarda-costas, e seus guarda-costas estão entediados. Então, eles propõem um concurso entre si.

E na verdade eles não obtêm a permissão de Dario, mas o resultado da disputa é: vamos realizar esta disputa, e quem quer que ganhe, o rei Dario lhe dará tudo o que ele pedir. Uma ótima competição para fazer enquanto seu chefe está dormindo. Assim, o concurso envolve a melhor resposta à pergunta: Qual é o mais forte? Qual é a força mais forte da sociedade humana? E assim, cada um dos guarda-costas coloca sua resposta em um pedaço de papiro debaixo do travesseiro de Darius.

Então, imagine a surpresa dele ao acordar e descobrir que tem um monte de biscoitos da sorte debaixo do travesseiro. O rei então participa da competição e lê as respostas. O primeiro guarda-costas diz que o rei é o mais forte.

E bem, tudo bem, a bajulação às vezes leva você a algum lugar. E então, o guarda-costas explica por que o rei é o mais forte. E ele destaca as razões óbvias.

Os exércitos se movem sob seu comando, blá, blá, blá. O segundo guarda-costas propõe que o vinho é o mais forte porque tem poder até sobre o rei. O terceiro guarda-costas primeiro propõe que ele trapaceie; ele coloca duas respostas.

Ele primeiro propõe que as mulheres são as mais fortes porque todos nós vimos o que uma certa concubina é capaz de fazer com o rei e meio que tirar a coroa da cabeça dele e dar um tapa na cara dele de brincadeira e coisas assim. Mas então ele diz, realmente, a coisa mais forte é a verdade. A verdade é a força mais forte da sociedade humana.

E, na verdade, ele também pode ter uma noção maior da ordem divina do cosmos, que é a força mais forte que existe. Agora, no final desta disputa, obviamente, o terceiro guarda-costas vence; é revelado que o terceiro guarda-costas é Zorobabel. Então, provavelmente, uma história originalmente independente foi trazida, e o vencedor dessa história é identificado com Zorobabel.

E o que ele pede ao rei? Ele pede ao rei que cumpra sua intenção anunciada anteriormente em seu reinado de reconstruir o templo em Jerusalém e que comissione a ele, Zorobabel, que vá ver se isso será feito. E assim, a história avança agora com Zorobabel à frente. A ordem confusa dos acontecimentos parece ser o resultado de uma reorganização intencional da história para dar lugar a esta disputa, para dar lugar a Zorobabel neste ponto, e para elevá-lo realmente como a figura central que faz as coisas andarem.

Ele absorve completamente o papel de Neemias, a quem atribuíamos muito do que Zorobabel faz nesta história. Na verdade, não está claro por que o autor foi tão longe, mas uma proposta foi que, como Zorobabel é da linhagem de Davi, esta foi a

maneira do autor demonstrar que na restauração de Jerusalém e de seu templo, embora a monarquia fosse Depois de restaurada, as promessas de Deus de restaurar a casa de Davi foram cumpridas na elevação de Zorobabel e na conquista deste descendente davídico. O que também notamos na história do Primeiro Esdras é um foco maior no templo, na sua atividade e no seu calendário litúrgico.

Ao contrário da contraparte bíblica, quando você acaba de ler este livro, você tem a sensação de que o calendário litúrgico das festas da Páscoa e das festas das barracas, que aparecem duas vezes, estrutura a obra e realmente fornece o ritmo subjacente à vida judaica e até mesmo à vida judaica. história. Há também uma maior elevação da figura de Esdras, que não é mais apenas um sacerdote, mas um sumo sacerdote, e suas reformas e restauração da Torá são o clímax da presente obra do Primeiro Esdras. A falta da aparição de Neemias serve simplesmente para elevar esses dois personagens, Zorobabel e Esdras, de forma muito mais completa.

É provável que este livro seja datado do século II a.C. ou um pouco mais tarde. Há um consenso crescente entre os estudiosos de que havia um original hebraico ou aramaico, mas agora só temos manuscritos em grego e outras traduções, e não há nenhuma evidência material de um original hebraico ou aramaico. Parece ter sido muito valorizado no período intertestamentário como uma forma alternativa de contar uma história.

Por exemplo, Josefo, que certamente conhece Esdras e Neemias como conhecemos esses livros, parece preferir a versão do Primeiro Esdras como sua fonte, pois está relatando esta história e suas antiguidades dos judeus. Os versos mais influentes do Primeiro Esdras ao longo do tempo, na verdade, foram apenas a resposta do terceiro guarda-costas. A verdade conquista tudo, ou como ele diz mais tarde na mesma narrativa, grande é a verdade e superior a tudo, têm sido, na verdade, lemas muito utilizados ao longo da história da sociedade ocidental.

Você ainda pode encontrar faculdades que têm as versões latinas desses ditos em seus brasões e escudos. Um interesse motivador do Primeiro Esdras, e isso é, claro, compartilhado com as histórias canônicas também, mas parece ser elevado aqui porque é o clímax desta história, uma ênfase na preservação da semente sagrada de Israel através do casamento apenas dentro de a casa de Israel, uma lição que é ensinada aos israelitas na história pela ordem de Esdras para que repudiem suas esposas estrangeiras e repudiem os filhos mestiços que surgiram dessas uniões. Também se dá grande ênfase à genealogia ao estabelecer as fronteiras e o eleitorado de Israel.

Se os repatriados tivessem uma genealogia danificada de alguma forma, não poderiam estabelecer a sua genealogia e não teriam mais um lugar em Israel. E se os sacerdotes, aqueles que se consideram de linhagem sacerdotal ou levítica, não pudessem demonstrar a sua genealogia, eram impedidos de exercer o serviço

sacerdotal ou levítico. Então, novamente, é um texto muito orientado etnicamente em termos de reforçar essas fronteiras e essas linhas definidoras dentro e ao redor de Israel, em oposição à mistura da semente sagrada com outras.

Passaremos agora para um texto de um tipo completamente diferente, A Sabedoria de Ben Sira, que é talvez o livro mais longo dentro dos Apócrifos e também, eu sugeriria, o mais importante em termos do seu impacto global tanto no Judaísmo primitivo como no Judaísmo primitivo. Cristandade. Ben Sira era um sábio que vivia em Jerusalém e mantinha uma casa de instrução. Ele convidou alunos e presumivelmente foi pago pelas famílias dos alunos, treinando-os no conhecimento da sua herança cultural, mas também na sabedoria internacional, de tal forma que pudessem percorrer o mundo com segurança, sabedoria e vantagem numa ampla variedade de ambientes, negócios, política, reuniões sociais e família.

Para compreender Ben Sira, é importante compreender o que aconteceu nas décadas da sua vida ativa. Alexandre, o Grande, estendeu o controle greco-macedônio sobre a Judéia por volta de 331 aC, quero dizer, mas mais ou menos alguns anos. Na sua deslocação pelo Mediterrâneo até ao Egito, obviamente a terra que poderíamos chamar de Palestina fazia parte da sua conquista.

Alexandre e depois os seus sucessores imediatos, que não eram filhos de Alexandre mas sim os seus generais, dividiram o seu reino entre si e depois continuaram a lutar entre si por apenas um pedaço maior do mundo. Na maior parte, não impuseram costumes ou culturas estrangeiras à Judéia e aos seus residentes, mas uma boa porcentagem da elite judaica começou a perceber que seria vantajoso para eles assumirem mais características da cultura dominante e até mesmo tentarem colocar Jerusalém no mapa, tornando-a uma cidade cada vez mais grega. Falaremos mais sobre isso em conexão com o 1º e o 2º Macabeus, mas simplesmente para dizer que, durante a carreira ativa de Ben Sira, ele teria observado as elites, as famílias cujos filhos, cujos jovens ele servia, tornando-se cada vez mais atraídos para serem como as nações, especificamente para se tornarem cada vez mais gregas na cultura, na aparência, no nome. Este é um período em que muitos judeus deixaram para trás os seus nomes indígenas bárbaros em favor de um nome grego, que é uma das formas mais óbvias de se apresentarem à cultura dominante como um deles.

Ele teria observado o crescimento dessa tendência, e ele próprio era muito cauteloso em relação a essa tendência e, em alguns pontos, opunha-se veementemente a essa tendência. Assim, como podemos ver, a sua voz apelou ao conservadorismo numa atmosfera cada vez mais progressista. Ben Sira, claro, ensinou na Judeia por volta de 200 a.C., escreveu em hebraico e, de facto, preservou o seu próprio currículo, ou os melhores momentos do seu currículo, para a posteridade por escrito.

O livro foi posteriormente traduzido para o grego por volta de 132 aC por seu neto, que levou consigo a sabedoria de seu avô para a comunidade judaica no Egito,

provavelmente em Alexandria, e lá a disponibilizou da melhor maneira que pôde em grego para a comunidade judaica de lá. É em grande parte a versão grega de Ben Sira que constitui a base para muitas traduções para o inglês, embora cerca de dois terços do livro, talvez mais a esta altura, tenham sido recuperados em manuscritos hebraicos. Por exemplo, uma série de cerca de quatro ou cinco capítulos foi encontrada em Massada, o pergaminho de Ben Sira de Massada, e pedaços consideráveis dele foram encontrados em um depósito de manuscritos desgastados em uma sinagoga no Cairo.

Portanto, há alguma base textual, alguma base manuscrita, devo dizer, para pensar sobre a versão original de Ben Sira e até mesmo examinar o que o neto fez ao passar do hebraico para o grego. Direi que isto é uma espécie de aparte, mas o neto no seu prólogo de Ben Sira dá-nos uma janela interessante para a tradução em si porque nesse prólogo ele basicamente pede desculpa por qualquer distância que tenha introduzido no encontro do leitor com a sabedoria do seu avô, e basicamente diz que fez o melhor que pôde. Mas a mesma expressão em grego não tem o mesmo poder que a expressão original em hebraico.

Então, ele reconhece essa distância na tradução, e prossegue dizendo, até mesmo nossos livros sagrados na tradução grega, que geralmente agrupamos sob o termo Septuaginta, até mesmo nossos livros sagrados, a Lei, os Profetas e os outros escritos, não têm a mesma força quando lido em grego como no hebraico original. Assim, a consciência precoce de que a tradução muda, por mais diligentes que sejam os seus esforços, a tradução muda o texto que está sendo traduzido. Ben Sira, voltando ao tema principal, o próprio Ben Sira tinha como objetivo tentar preservar a dedicação de seu aluno ao modo de vida observador da Torá.

Sim, havia progresso a ser feito; havia coisas a serem aprendidas com o mundo mais amplo, com o mundo helenístico, com a sabedoria grega e com outras correntes de sabedoria que a união de todas essas terras sob um império tornou mais fácil o acesso. Mas o ponto principal é que isso não deve afastar-nos da obediência e da observância do nosso modo de vida ancestral. Assim, por exemplo, neste cenário em que várias elites pensam que o caminho para a honra é o caminho da assimilação cada vez mais ao mundo grego, Ben Sira ensina aos seus alunos que a lealdade à aliança é a marca indispensável da pessoa honrada.

E assim lemos em Ben Sira capítulo 10, cujos descendentes são dignos de honra? Aqueles que temem ao Senhor. Cujas descendências são indignas de honra? Aqueles que quebram os mandamentos. Entre os membros da família, seu líder é digno de honra, mas aqueles que temem ao Senhor são dignos de honra aos seus olhos.

Os ricos, os eminentes e os pobres, sua glória é o temor do Senhor. O príncipe, o juiz e o governante são honrados, mas nenhum deles é maior do que aquele que teme ao

Senhor. Portanto, nesta passagem, Ben Sira está dizendo, em última análise, sim, você pode obter honra secular por vários meios.

E todos nós admiramos certas pessoas, aquelas que são ricas, aquelas que alcançaram posições de destaque no governo ou no sistema judicial, mas o valor final, ou devo dizer a base da honra, é a sua fidelidade ao pacto. Porque é isso que lhe dá valor aos olhos de Deus. E a estimativa de Deus dura para sempre.

E assim, ele tenta cultivar nos seus alunos o compromisso de considerar a sua própria honra baseada, antes de mais nada, na sua conformidade com a Torá. E depois disso, com o que eles poderiam conseguir de outra forma nesta vida. Agora, Ben Sira, embora ele se baseie bastante no livro bíblico de Provérbios, em muitos aspectos, você poderia ler Ben Sira como um comentário posterior sobre Provérbios ou como sabedoria desenvolvida como uma reflexão ou como resultado da reflexão sobre Provérbios específicos.

Existem muitos, muitos paralelos. Mas uma coisa que Ben Sira faz e Provérbios não faz é conectar explicitamente a sabedoria com a lei. E quero dizer explicitamente.

Assim, por exemplo, no capítulo 24 de Ben Sira, Ben Sira personifica a sabedoria e permite-lhe contar a sua história. E a história dela é que procurei um lugar de descanso entre todos estes, referindo-me a todas as diversas nações da terra. Em cujo território designado devo morar? Então, o criador de todas as coisas me deu uma ordem.

Aquele que me criou armou a minha tenda e disse: faça morada em Jacó. Deixe Israel receber sua herança. E assim, fui estabelecido em Sião.

Ele fez da cidade tão amada meu lugar de descanso e estabeleceu minha autoridade em Jerusalém. Criei raízes num povo glorificado entre o povo que o Senhor escolheu para sua herança. Assim, na parte inicial deste discurso de sabedoria, que conta a sua própria história, Ben Sira, apesar da sua tendência para recorrer à sabedoria internacional, declara inequivocamente que a casa da sabedoria é aqui mesmo, em Jerusalém.

Este é o epicentro da morada da sabedoria pelo próprio decreto de Deus. E isso é um reflexo da escolha que Deus fez desta nação entre, fora e acima de todas as outras. E então, na conclusão desta mesma história de sabedoria, Ben Sira acrescenta este comentário final, falando sobre a senhora sabedoria, por assim dizer, todas essas coisas estão no rolo da aliança do Deus Altíssimo, a lei que Moisés nos ordenou, a herança das congregações de Jacó.

Assim, de uma forma que até agora provavelmente teria sido estranha à tradição de sabedoria em Israel, Ben Sira identifica explicitamente a sabedoria, esta senhora

personificada, com a Torá, e este pergaminho está em nossa posse. Então, se você quer sabedoria, se você quer todas as bênçãos da sabedoria que ele listou anteriormente neste poema, elas estão bem aqui. Este é o ponto de partida.

Isto é você cavar para eles na lei de Moisés e no cumprimento da lei. E este é então um tema que permeia todo o seu livro. Assim, por exemplo, bem no início do livro, ele diz explicitamente: se você deseja encontrar sabedoria, guarde os mandamentos, e o Senhor a fornecerá a você em grandes quantidades.

E cerca de um terço do livro, encontramos este ditado: toda sabedoria envolve cumprir a lei. Assim, para Ben Sira, a vida observadora da Torá é o ponto de partida para qualquer sabedoria. E se você se afastar da observância da Torá, você se afastará da sabedoria.

Agora, esta é uma mensagem importante e realmente carregada politicamente em 200 AC porque 25 anos depois, um sumo sacerdote dirá, não vamos mais olhar para a Torá como a constituição da terra. Vamos refundar Jerusalém usando uma constituição inspirada na constituição ateniense. Então, Ben Sira é uma voz bastante conservadora dizendo que assim que você deixa a Torá para trás, você deixa a sabedoria para trás.

Uma coisa que encontramos em Ben Sira que pode nos surpreender se o nosso principal quadro de referência for o Novo Testamento e Paulo em particular, Paulo, que em Romanos basicamente nos dá a impressão de que não se pode guardar a lei. E esse é o problema da lei. Simplesmente não pode ser mantido.

Se pudesse ser mantido, as coisas seriam diferentes. Mas Ben Sira dá-nos uma imagem muito diferente. Ele acredita que a lei é viável.

Então, lemos, e de fato, ele acerta isso em Deuteronômio 30. Então, lemos em Deuteronômio 30, certamente este mandamento que estou ordenando a você hoje não é muito difícil para você, nem está muito longe. Eu coloquei a vida e a morte, a bênção e a maldição diante de você.

Agora escolha a vida para que você e seus descendentes vivam. Ben Sira reflete esta linguagem; é quase uma espécie de anotação sobre Deuteronômio 30, quando ele escreve que foi Deus quem criou a humanidade no início, e ele os deixou no poder de sua livre escolha. Se quiser, você poderá guardar os mandamentos, e agir fielmente é uma questão de sua própria escolha.

Ele colocou fogo e água diante de você. Você pode estender a mão para o que quiser. A vida e a morte estão diante dos seres humanos.

Eles receberão o que quiserem. Portanto, Ben Sira ainda tem a firme convicção de que tudo o que é revelado em Deuteronômio é verdade. A lei é viável.

Está ao nosso alcance mantê-lo. Além disso, o que promete ao obediente é confiável. Também em Ben Sira, o encontramos usando imagens de Deuteronômio 27 a 30, 27 a 30, refletindo sobre as consequências certas e garantidas, tanto da observância da Torá quanto da falha em observar a Torá, ou seja, as promessas de bênção para aqueles que cumprem a Torá, as promessas de maldição para aqueles que negligenciam a Torá.

Assim, lemos novamente no primeiro capítulo de Ben Sira que o temor do Senhor alegrará o coração e dará alegria, alegria e uma vida longa. No final, as coisas irão bem para aqueles que temem ao Senhor. Eles serão abençoados no momento de sua morte.

E novamente, mais perto do final do livro, se você temer ao Senhor, nada lhe faltará. Se você tiver, não há motivo para procurar ajuda. O temor do Senhor é como um pomar de bênçãos e cobre uma pessoa mais completamente do que qualquer glória.

Embora Ben Sira admita que Adão, com a sua transgressão, tornou a vida difícil para todas as pessoas, Ben Sira acredita que Deus ainda trabalha todas as coisas para a justiça, para o bem e para o mal, dentro dos parâmetros desta vida, apenas como Deuteronômio prometeu. Quando pessoas boas encontram dificuldades, Ben Sira consegue entender isso usando imagens tradicionais, por exemplo, o teste do ouro na fornalha. O ouro é testado no fogo, e aqueles que são considerados aceitáveis por Deus são testados na fornalha da humilhação.

Você que teme ao Senhor, continue confiando nele, e sua recompensa não será perdida. Uma peça final nesta faceta da agenda de Ben Sira, a sua promoção da observância da Torá como forma de honrar contra o que muitas das elites estão a começar a dizer, é o seu hino em louvor ao povo de hesed, o povo de lealdade à aliança, que ocupa todos os capítulos 44 a 49 de Ben Sira. Neste longo hino, Ben Sira ensaia essencialmente a história sagrada de Israel, desde Adão até os tempos mais recentes.

Na verdade, termina no capítulo 50 com um hino em louvor ao mais recente sumo sacerdote, Simão II, Simão, o Justo. E o ponto, ou devo dizer o tema, que permeia esta recontagem da história é que aqueles que guardaram a lei do Altíssimo alcançaram honra. Até hoje, ainda honramos Abraão, Moisés, Arão e Phineas por sua diligente observância dos mandamentos e por seu zelo pela lei do Senhor.

Mas ainda hoje execramos a memória daqueles reis de Israel e Judá, por exemplo, que venderam a sua glória, que deram a sua glória porque seguiram outros deuses, e que deixaram os mandamentos da Torá para trás, trazendo finalmente o desastre

sobre o nação. Agora, Ben Sira, obviamente, seus 51 capítulos de material também cobrem muitos outros tópicos importantes. E como já disse, estes são temas relacionados com a vida doméstica, com a vida social, com a vida política, com empreendimentos económicos, com basicamente tudo o que um jovem precisa de saber para avançar na vida de forma sábia e vantajosa.

Por isso, ele dá grande atenção ao cuidado e ao respeito pelos pais, especialmente à medida que envelhecem, à educação cuidadosa dos próprios filhos, ao investimento profundo na educação, na criação e também na disciplina e no cuidado dos filhos, tanto filhos como filhas. Agora, direi apenas como um aparte, é o que ele tem a dizer sobre as mulheres que coloca Ben Sira em maiores problemas. Refletindo, em grande medida, o tipo de estereótipo cultural das mulheres e também as ansiedades culturais em relação às mulheres, ele exorta os homens a terem muito cuidado, tanto com as suas esposas como especialmente com as suas filhas.

Nessa sociedade, uma filha que fosse sexualmente vulnerável às investidas de outro homem desonraria a família do pai e tornaria muito difícil ao pai encontrar um marido adequado para a filha. Então, saindo desse contexto, Ben Sira faz alguns exageros sobre a filha teimosa e como ela é um problema na casa. Só podemos esperar que tenham sido intencionalmente hiperbólicos.

Ben Sira também ensina a importância de honrar os próprios benfeitores e de ter cuidado na escolha dos amigos, dos benfeitores e dos beneficiários. E isso na verdade representa talvez uma mudança na cultura desde a época de Provérbios, porque há uma reflexão muito maior sobre, digamos, arranjos greco-romanos de amizade e patrocínio e o ethos em Ben Sira do que encontrei pelo menos no livro de Provérbios. Ele até fala sobre etiqueta adequada em eventos sociais.

Por exemplo, quando vamos a um simpósio, que também é uma novidade, bem, isso pode não ser inteiramente verdade, mas o simpósio é bem conhecido como um evento social grego, uma espécie de festa para beber vinho com comida apenas suficiente para ajudar a absorver coisas. Ben Sira aconselha os jovens a se certificarem de que a primeira coisa em que pensam do começo ao fim é causar uma boa impressão. Não sobre os saborosos petiscos que são postos diante de você, não sobre o vinho ou o que quer que seja, mas proteja-se, seja temperante em todas as coisas para que você pareça uma pessoa educada, respeitosa e bem-educada.

Na verdade, ele também passa bastante tempo alertando seus alunos sobre como se misturar com os grandes e poderosos. Por um lado, esse é o caminho para o avanço social. Esse é o caminho para o avanço económico e político. Por outro lado, como diz Ben Sira, é também como andar sobre o fio de uma espada.

Se você tropeçar, você se cortará ao meio. Ele pede justiça nas questões económicas e no tratamento dos funcionários. Ele promove o valor de permanecer

financeiramente independente, em vez de se tornar subserviente a credores de um tipo ou de outro.

Em Ben Sira, encontramos combinado um compromisso inabalável com o modo de vida judaico, por um lado, com uma abertura à sabedoria que poderia ser aprendida com outras nações, o que, claro, faz parte do legado de Provérbios e do Tradição de sabedoria judaica, a tradição de sabedoria internacional tomada de forma ampla. Por um lado, ele se baseia extensivamente em Provérbios e em outros textos, como Deuterônomo, da herança bíblica de Israel. Por outro lado, ele fala da necessidade de um escriba como ele, um sábio como ele, viajar por terras estrangeiras para que o escriba possa testar o que é bom e o que é mau entre todos os povos, reunindo o que há de valioso na sabedoria de outras nações para incorporação em seu próprio ensino.

E o próprio Ben Sira incorporou claramente uma grande quantidade de sabedoria estrangeira, sabedoria estrangeira de bom senso, nos seus próprios ensinamentos. Por exemplo, se você comparasse seus ensinamentos sobre amizade com as elegias do sábio grego Theognis, do século VI, encontraria muitas sobreposições. E, claro, Theognis escrevendo quatro séculos antes, provavelmente tinha uma grande dependência.

Então, Ben Sira aprendeu de alguma forma este material sobre como ser um amigo confiável, mas também cauteloso, cuidadoso e criterioso da sabedoria grega. E se compararmos as palavras de cautela de Ben Sira ao lidar com os grandes e poderosos, tanto a promessa de avanço como também de destruição, com um texto egípcio conhecido como a Instrução de Febo, encontraremos novamente um grande número de paralelos e a probabilidade de o sábio viajado Ben Sira basear-se no texto egípcio a esse respeito. Mas para Ben Sira, a sabedoria, a vida de um escriba, a vida de um sábio, a vida de um acadêmico, não é apenas uma questão de cabeça.

É também uma questão de alma. Também está enraizado no relacionamento da pessoa com Deus. Nós o encontramos dizendo ou orientando explicitamente seus alunos a olharem para a oração como uma fonte essencial de sabedoria, juntamente com o estudo e a conversa com os sábios.

Assim, por exemplo, ele escreve no capítulo 39 que os escribas se comprometerão a acordar cedo para buscar o Senhor que os criou e orar ao Altíssimo. Eles abrirão a boca em oração e pedirão perdão pelos seus pecados. Se o grande Senhor quiser, eles serão cheios de um espírito de compreensão.

Eles derramarão palavras de sabedoria e darão graças ao Senhor em oração. Seu raciocínio e conhecimento permanecerão no caminho certo e eles ponderarão os mistérios de Deus. E ele escreve um pouco antes, acima de tudo, ore ao Altíssimo para que ele endireite o seu caminho na verdade.

Portanto, a sabedoria não é apenas resultado de estudo, é o resultado da profundidade do relacionamento de alguém com Deus e do que Deus revelará à pessoa. Ben Sira também dá lugar à ação ritual e litúrgica em sua instrução. Ele apoia muito o templo e o que acontece no templo, e incentiva e modela de muitas maneiras a conexão entre ser um sábio e ser alguém que participa de todo o coração na vida litúrgica do templo.

Um texto revelador a esse respeito vem de Ben Sira, capítulo 7, onde ele pega linhas do Shemá, Deuteronômio 6, que é uma espécie de texto central de Israel. O Senhor nosso Deus, o Senhor é um, e você amará o Senhor com todo o seu coração, alma, mente, força e assim por diante. E ele combina isso com instruções sobre o templo e seu pessoal.

Então, lemos, tema ao Senhor com todo o seu ser e honre os seus sacerdotes. Com todas as suas forças, ame aquele que o criou e não negligencie seus ministros. Temei ao Senhor e honrai o sacerdote.

Dê ao sacerdote a sua porção conforme lhe foi ordenado. Nessa passagem, temos basicamente a recitação de um verso do Shemá, seguida da introdução de uma espécie de contraparte pertinente ao respeito ao templo e ao seu pessoal. Portanto, uma tecelagem muito próxima dos dois.

Também recebemos de Ben Sira uma bela imagem da vibração e da admiração dos rituais que aconteciam no templo. Ben Sira fornece um relato em primeira mão de alguém para quem este não foi um espetáculo vazio; este não foi um ritual vazio, mas uma experiência profundamente religiosa, um encontro poderoso com o Deus vivo. No capítulo 50, Ben Sira lembra um sacrifício no templo.

Os estudiosos não têm certeza se é apenas a oferta diária ou talvez até mesmo o dia da oferta expiatória sob a liderança de Simão II, Simão, o Justo, um famoso sumo sacerdote. Assim, ele escreve, quando Simão vestiu seu manto glorioso e se vestiu com esplendor perfeito ao subir ao altar sagrado, ele trouxe glória aos átrios do templo. Todos os filhos de Arão estavam na sua glória e seguravam a oferta do Senhor nas mãos, diante de toda a assembléia de Israel.

Ao terminar seu serviço no altar, derramou uma libação de vinho na base do altar, aroma agradável ao Altíssimo, o Rei de todos. Então os filhos de Arão aplaudiram, e todo o povo se prostrou e se prostrou para adorar o seu Senhor, o Todo-Poderoso, o Deus Altíssimo. Os cantores, acompanhados de harpas, cantavam louvores com a voz.

Eles fizeram uma melodia doce com um som encorpado. O povo do Senhor Altíssimo ofereceu orações diante do Misericordioso até que a ordem do serviço do Senhor

fosse concluída. Então Simão desceu e levantou as mãos sobre toda a assembléia dos israelitas para dar dos seus lábios a bênção do Senhor e glorificar o seu nome.

E eles se curvaram para adorar pela segunda vez para receber a bênção do Altíssimo. Isso é do capítulo 51 de Ben Sira. E temos a sensação de que aqueles que participam do culto do templo participavam, pelo menos como Ben Sira o entendia, de coração, com todo o corpo e com toda a mente.

Por um lado, Ben Sira poderia dizer que os atos morais têm significado ritual. Isto é algo que ele mesmo teria aprendido com os Salmos e os profetas. Então, ele escreveria em Ben Sira capítulo 35, quem guarda a lei dá muitas ofertas.

Quem obedece aos mandamentos sacrifica o bem-estar. Quem retribui uma gentileza oferece a melhor flor. E quem faz um ato de caridade faz um sacrifício de louvor.

Mas, ao mesmo tempo, tais declarações que atribuem significado ritual, eu poderia dizer, que atribuem significado às ações morais aos olhos de Deus, o mesmo significado que os atos rituais podem ter, também não denigrem de forma alguma a importância dos atos rituais. Não falta valor ao culto sacrificial de Ben Sira. Temos então a sensação de Ben Sira de que a piedade durante este período envolvia uma vida centrada na Torá, no bem do próximo e nos direitos e práticas de uma conexão nutritiva com Deus.

Tudo isso fazia parte de um todo. O que, seguindo certas tradições da Reforma, poderia separar como lei civil, moral e ritual, fazia parte de um único todo para Ben Sira. Nenhuma faceta poderia ser negligenciada, nem se poderia compensar deficiências numa área, numa suposta área, através da execução de ações noutra.

A Torá era uma e deveria ser vivida como tal por aqueles que buscavam honra diante do Senhor. Passo agora a dois livros, 1º e 2º Macabeus, que são essencialmente os livros históricos encontrados nos Apócrifos. Como mencionei numa palestra anterior, estes livros, em conjunto, contam a história de Jerusalém e da Judéia entre cerca de 175 e 141 a.C., um período verdadeiramente tumultuado na história intertestamentária.

Estes dois livros, 1 e 2 Macabeus, têm origens diferentes e ângulos ligeiramente diferentes nesta história. 2º Macabeus é, na verdade, um resumo de uma história mais longa em cinco volumes do período, escrita por um homem chamado Jasão de Cirene. Sabemos disso porque o homem que fez o resumo nomeia explicitamente sua fonte e fala um pouco sobre seu processo para pegar esses cinco pergaminhos e reduzi-los a um.

Foi escrito em grego, assim como o original foi escrito em grego, embora isso não nos diga realmente onde ocorreu o resumo. Pode muito bem ter se originado em Jerusalém ou na Judéia, muitos de cujos residentes já estariam familiarizados com o grego a essa altura. A data do segundo Macabeus pode cair em qualquer lugar entre 160 AC, o ano após o término da história naquele livro, até 63 AC.

É claro que a primeira parte dessa data ou intervalo é improvável. Jasão de Cirene pode muito bem ter escrito sua história muito perto do local onde a história termina, mas o resumo provavelmente apareceu algum tempo depois. Se as cartas que prefaciam o 2º Macabeus forem cartas genuínas, podemos ter a sensação de que o resumo foi escrito em algum momento antes de 124 a.C. porque uma dessas cartas envia esta história, envia este resumo ou se apresenta como um envio deste resumo aos judeus da diáspora. para promover a observância do Hanukkah, a festa da dedicação, de forma mais ampla para fazer com que a comunidade judaica em geral celebre esta festa como uma forma de reconhecer o que Deus fez recentemente pelo povo de Deus e talvez até para legitimar a dinastia através da qual isso aconteceu.

O 2º Macabeus, no entanto, não está particularmente interessado em legitimar a dinastia que emergiu da revolta dos Macabeus, a dinastia Hasmoneu. Ele não é de forma alguma anti-Hasmoneu, mas não é explicitamente pró-Hasmoneu, ao contrário do autor de 1º Macabeus. 1º Macabeus é uma história dinástica.

Basicamente conta a história de como uma família relativamente obscura de sacerdotes, Matatias e seus cinco filhos, Judas, Eleazar, João, Jônatas e Simão, fundaram uma dinastia que governaria como sumos sacerdotes e, eventualmente, reis de, digamos, 141 AC a 63 AC, quando Roma interviria. E embora restaurasse o título de sumo sacerdócio a um hasmoneu, não restauraria o título de rei a este hasmoneu, mas antes colocaria o governo secular em outras mãos. 1º Macabeus, novamente, a história termina em 141 aC, então poderia ter sido escrita a qualquer momento depois disso.

Provavelmente teria sido escrito antes de 63 a.C. porque Roma se tornou um pouco inimiga naquele momento, quando interveio muito além do que qualquer líder judeu teria esperado que fizesse para resolver uma disputa, da qual falaremos mais tarde. . É mais provável, porém, que 1º Macabeus tenha sido escrito após o fim do reinado de João Hircano. Então, em algum momento a partir de 104 AC e depois.

Foi uma época em que o fortalecimento da dinastia teria sido muito mais importante do que quando ela era liderada pelo filho do último grande herói da revolta dos Macabeus. A história que estes dois livros contam, e eles contam a história de forma diferente, e hesito, em certo sentido, em misturar as histórias, mas os historiadores têm que fazer isso. Estas são essencialmente as nossas únicas fontes para o período.

O próprio Josefo é altamente dependente do primeiro Macabeu. A história que contam é de grande importância para a compreensão deste período. Eventos na Judéia entre 175 e 141 AC.

Os dois livros não se sobrepõem exatamente. 2º Macabeus nos dá mais da prequela da revolta dos Macabeus. Tudo começa bem em 175 AC.

O primeiro Macabeu está mais interessado por volta de 168 aC. Não estou tão interessado no que levou à revolta quanto em narrar a revolta e suas consequências. Por outro lado, o 2º Macabeus é feito em 161 aC com sua história.

Mas 1º Macabeus quer contar a história toda, não apenas a história de Judas, o herói militar, e sua reconquista bem-sucedida do templo e a derrota do grande general greco-sírio, Nicanor. 1 Macabeus quer contar toda a história de como cada um de seus irmãos sobreviventes contribuiu para o bem-estar de Jerusalém e da Judéia e avançou a causa da nação a tal ponto que todo o povo afirmou Simão, o último irmão sobrevivente, e seus filhos como os governantes legítimos do povo, em vista de todo o bem que trouxeram à Judéia. Agora, o formato da história nos leva a conflitos de múltiplas camadas.

Primeiro, há o conflito entre duas grandes dinastias que foram sucessoras de Alexandre, o Grande. A dinastia dos Selêucidas, cujos reis governaram a Síria e a Babilônia, e a dinastia dos Ptolomeus, que governaram o Egito. A terra da Palestina bem no meio era terra contestada.

Por um lado, os generais de Alexandre, ao dividirem o seu império, concordaram que Seleuco I governaria a Palestina. Ptolomeu não concordou, então ele manteve a Palestina, e seus sucessores mantiveram a Palestina. Há esse conflito por trás da história.

Depois, há também o conflito dentro de Jerusalém ao qual já aludi quando falávamos sobre Ben Sira, nomeadamente o conflito entre judeus conservadores que queriam permanecer não apenas observadores da Torá, mas queriam que a nação como um todo continuasse a ser governada por a lei de Moisés, versus judeus progressistas que pensavam que os melhores interesses da nação seriam atendidos até certo ponto através da assimilação. Eles até discordaram entre si sobre até que ponto. Conseqüentemente, também houve conflitos entre judeus progressistas.

Até onde precisamos ir para realmente garantir os melhores interesses das nações? Então, já mencionei que após a morte de Alexandre, seus generais dividiram seu reino. E a Palestina permaneceu sob o domínio ptolomaico, o governo dos reis gregos do Egito, até 198 a.C., quando Antíoco III foi finalmente capaz de derrotar os exércitos de Ptolomeu e conquistar a Palestina porque Ptolomeu desistiu de

conquistar a Palestina para o seu próprio reino. Antíoco III afirmou os direitos dos judeus de continuarem a viver de acordo com a sua própria lei.

Então, não houve esse ímpeto de mudar repentinamente seu modo de vida vindo de cima. Mas o que encontramos neste momento é conflito dentro de Jerusalém, dentro de famílias poderosas de Jerusalém. A família dos Oniads, em homenagem a Onias.

Esta era uma família de sumo sacerdote. E a família dos Tobaíades, em homenagem ao seu ancestral, Tobias, que às vezes é identificado como Tobias, o amonita, conhecido nas escrituras. Uma família de estranhos à hierocracia de Jerusalém, ao governo sacerdotal de Jerusalém, mas uma família que tinha ambições significativas de se tornarem os mediadores do poder do povo judeu.

E para ser honesto, eles são muito mais experientes politicamente do que a outra família. Assim, no início de Segundo Macabeus, temos uma história em que um Tobaíad, chamado Simão, desempenha um papel contra um Oniad chamado Onias III, que era o sumo sacerdote. Simão procura cair nas boas graças do monarca selêucida, neste caso, Seleuco IV, dizendo que existem fundos no templo que não são sagrados.

E você, meu rei, poderia reivindicá-los. Seleuco IV ficou muito feliz com o dinheiro onde quer que ele aparecesse porque sua família, sua dinastia, teve que prestar homenagem a Roma depois de uma terrível derrota sofrida em 188 aC. Assim, Seleuco IV enviou Heliodoro, provavelmente seu ministro das finanças, ao templo para entrar, inspecionar os fundos e pegar todos os fundos que fossem apropriados para ele confiscar.

O resultado deste episódio é que Heliodoro, algo milagroso acontece com Heliodoro enquanto ele tenta cumprir sua missão. Segundo o autor de Segundo Macabeus, anjos a cavalo espancaram-no para que ele não pudesse invadir a santidade do templo. O importante é que ele voltou de mãos vazias e possivelmente esteve envolvido na conspiração para matar Seleuco IV, abrindo caminho para o irmão de Seleuco, Antíoco IV, ascender ao trono.

Agora, Onias III parece ter sido um sumo sacerdote conservador, tal como o seu pai, Simão II, o sumo sacerdote que Ben Sira elogiou tão ricamente. Onias tinha um irmão cujo nome de nascimento era Yeshua, mas que em algum momento mudou seu nome para Jason. E isso diz tudo o que você precisa saber sobre o irmão de Onias.

Ele era progressista. Ele queria reformar Jerusalém na direção de uma cidade grega com instituições gregas, incluindo um ginásio grego, onde os jovens da cidade pudessem ser educados com recursos públicos na cultura grega, na língua grega, em

todas as artes e habilidades que os tornariam jogadores. no mundo internacional. Agora, parece que Jasão estava interessado na reforma não-religiosa de Jerusalém.

Jasão conseguiu reunir muito apoio das elites de Jerusalém, o suficiente para, e não há outra maneira de dizer isso, comprar o sumo sacerdócio de seu irmão. Ele foi a Antíoco IV com sua proposta e voltou como novo sumo sacerdote. E seu irmão teve que fugir para o exílio.

Então, imagino que a Páscoa naquela mesa familiar tenha sido bastante tensa. E Jason avançou com as suas reformas e instituiu um ginásio, como eu disse, o órgão para transmitir a educação grega, a cultura grega, incluindo o atletismo grego e tudo o mais, para a próxima geração. E refundar Jerusalém com base numa constituição grega, elaborando uma nova lista de senadores que participariam então como conselho da nova cidade grega em Jerusalém. O que você tem?

Ele, no entanto, não durou tanto tempo. Apenas três anos mais tarde, a família Tobaid apoiou um candidato próprio para fazer avançar estas reformas e dar-lhes um papel mais directo na política de Jerusalém. Encontramos então outro padre cujo nome é Menelau.

E se você conhece a história de Tróia, sabe que Menelau também é um nome muito grego. Então aqui está outro padre progressista que provavelmente teria mudado seu próprio nome se seus pais não tivessem feito isso por ele, nomeando-o como nascimento. Mas Menelau faz algo novo.

Ele também procede à reforma religiosa de Jerusalém. Ele cruza limites que nem mesmo Jason cruzaria. E foi sob Menelau que o templo em Jerusalém se tornou um local de culto para todos os seus residentes, não apenas para os residentes judeus.

Portanto, temos a abominação da desolação, pois tanto o autor de 1 Macabeus como Daniel falam destes eventos. Não temos certeza do que isso implicava, mas um candidato provável é a construção de um novo altar para divindades estrangeiras, para que todas as pessoas que viviam em Jerusalém, que eram cidadãos iguais em Jerusalém, pudessem adorar no seu local de culto. Bem, isso está indo longe demais.

Portanto, temos a eclosão da revolução na Judéia em duas frentes diferentes. Por um lado, Jason quer o título de volta. Assim, Jasão consegue o apoio de um homem chamado Hircano, que é o irmão alienado da família Tobaiyot.

É realmente uma novela e tanto quando se trata disso. Jasão retorna com um exército para se opor a Menelau assim que Jasão ouve o boato de que Antíoco IV morreu. Ele quer aproveitar esse interregno para se reafirmar e, sem dúvida, negociar com o próximo governante selêucida para ficar lá.

Mas, ao mesmo tempo, o povo se revolta. Eles estão fartos desses sumos sacerdotes helenizantes. No final daquele dia, Jasão e Menelau estão sitiados no Acre e precisam que Antíoco IV venha resgatá-los, o que Antíoco faz.

O que se segue é talvez o primeiro evento bem documentado de perseguição religiosa no mundo antigo. Quando Antíoco liberta Menelau, ele também, bem, primeiro ele rouba muito dinheiro do templo porque alguém tem que pagar pela operação de resgate que acabou de acontecer. E esse será Menelau.

Mas ele também proíbe a observância da Torá porque provavelmente foi avisado por pessoas como Menelau, talvez pelo próprio Menelau, que no centro de toda esta revolução está o apego do povo a esse antigo modo de vida bárbaro e nativo. E se pudessemos nos livrar desse apego, poderíamos realmente levar Jerusalém e a Judéia a um futuro glorioso. Portanto, temos histórias de martírio brutal em que os judeus mostram a sua lealdade à aliança, recusando-se a ceder à exigência de aquiescência.

E assim, as mães são expulsas do muro de Jerusalém porque circuncidaram seus filhos com seus filhos pequenos também pendurados em seus pescoços. Velhos são queimados até a morte porque protegeram cópias da Torá quando Menelau e os capangas de Antíoco andavam por aí tentando destruir todas as cópias da lei. E temos em Segundos Macabeus uma história muito comovente de um velho sacerdote chamado Eleazar e de sete irmãos e sua mãe, todos os quais por sua vez se recusam a comer um bocado de carne de porco, que provavelmente acabara de ser sacrificada ao que quer que fosse agora erigido no Templo de Jerusalém, recusando-se a comer um bocado de carne de porco em sinal de capitulação e, em vez disso, sendo torturados até a morte.

Depois disso, a Revolta dos Macabeus realmente decola. E assim, a mesma repressão ao Judaísmo em Jerusalém vai para o interior, vai para as aldeias ao redor de Jerusalém. Quando um oficial do rei chega à pequena aldeia de Modin, ele convida o líder mais velho chamado Mattathias, um sacerdote de lá, para ser o primeiro a mostrar o caminho a seguir e oferecer um sacrifício em um altar improvisado a um deus estrangeiro.

E Mattathias, claro, recusa. Ele é um fiel observador da Torá, um judeu leal. Então, algum oportunista da aldeia, cujo nome não foi preservado, decide que vai cair nas boas graças dos senhores feudais e dá um passo à frente para ser o primeiro a oferecer sacrifício.

Em um ato que mais tarde lembraria o autor de Primeiros Macabeus de Phineas, Matatias pega sua espada e atravessa os dois ao mesmo tempo no altar. E ele inicia assim, com floreio, o que vem a ser conhecido como a Revolta dos Macabeus. Ele

reúne para si, no deserto, todos os que são leais à lei e têm qualquer coisa feita de madeira ou metal para lutar.

E eles começam, na verdade, atacando os judeus apóstatas, aqueles que cederam, que não circuncidaram os seus filhos. Ele e seus homens circuncidam os meninos à força, e tudo mais. E eliminando as guarnições greco-sírias com poucos efetivos por todo o país.

A cada ataque bem-sucedido, seu número aumenta. E Antíoco continua a enviar exércitos que são pequenos demais para fazer o trabalho. E assim, embora enfrentem sempre números maiores, Matatias e depois os seus filhos, porque Matatias morre no início desta guerra, continuam a desfrutar de vitória após vitória sobre os exércitos greco-sírios.

Até que finalmente reconquistam o templo e conseguem purificá-lo de tudo o que Menelau ali colocou. E restaurar o ritmo adequado dos sacrifícios de acordo com a lei. O trabalho militar continua durante a vida de Judas e na carreira de seu irmão, Jônatas, e de seu irmão mais novo, Jônatas.

Mas por volta de 160 ou mais, as coisas começam a mudar. E Jônatas e seu irmão, o último irmão sobrevivente, Simão, são capazes de fazer mais através da negociação do que precisam através da guerra contra os exércitos selêucidas. Porque os próprios selêucidas enfrentam uma época de conflito entre pretendentes rivais ao trono.

E assim, cada um desses pretendentes rivais tenta fazer com que a Judéia seja uma aliada na luta. Assim, Jônatas é capaz de jogar um contra o outro até que finalmente ganhe para si o título de sumo sacerdote e o direito a alguma medida de governo interno. O último irmão sobrevivente ganha o direito de remover a última guarnição de soldados e mercenários greco-sírios do Acre, a fortaleza em Jerusalém.

Com isso, a independência política chegou à Judéia pela primeira vez em 400 anos. Como diz o autor de Primeiros Macabeus, o jugo dos gentios é removido, pelo menos por um tempo. Em nossa próxima sessão, veremos os impulsos específicos tanto do Segundo Macabeu quanto do Primeiro Macabeu.

Nós meio que olhamos para a história que os dois contam juntos. Mas cada um conta uma história ou parte da história, devo dizer, de uma certa maneira, porque os dois autores têm agendas e razões um tanto diferentes para escrever. E veremos isso e continuaremos nossa marcha até os Apócrifos na próxima palestra.

Este é o Dr. David deSilva em seu ensinamento sobre os Apócrifos. Esta é a sessão 2, Um olhar mais atento: Primeiro Esdras, Ben Sira, Primeiro e Segundo Macabeus.